

CONSCIÊNCIA DILACERADA E REPRESENTAÇÃO DIABÓLICA DO BRASIL

*Francisco Gomes de Andrade (UFS)*¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, no romance Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa, a consciência dilacerada do atraso que pode estar vinculada à problemática do mito do diabo a fim de buscar uma compreensão histórico-social do retrato do Brasil em que o homem, em termos sociais, torna-se o sujeito histórico responsável pelo dilaceramento do próprio espaço sertanejo.

Palavras-chaves: Grande Sertão: Veredas, subdesenvolvimento, o diabólico.

Abstract: This paper examines in the novel Grande Sertão: Veredas of Guimaraes Rosa, the torment conscience of delaying that may be related to the problem of the Devil's myth and historical and social understanding about the portrait of Brazil, in that the man, in social terms, he become the only responsible by destruction of own space.

Keywords: Grande sertão: veredas, underdevelopment, the diabolical.

INTRODUÇÃO

A consciência dilacerada em relação à problemática da situação do atraso pode ser articulada, no contexto do romance Grande Sertão: Veredas, com a problemática do mal representada pela figura do diabo a fim de se buscar uma compreensão do retrato dilacerado do Brasil. Nossa hipótese consiste na idéia de que a desmistificação mítico-diabólica e o desmascaramento sócio-histórico no romance parecem revelar que as condições do atraso do espaço sertanejo resultou de um desencadeamento das relações e práticas sócio-históricas e econômicas que definiram o retrato dilacerado do Brasil, constituindo-se como um mal social que perdura desde o passado colonial brasileiro, agravando-se com o surto de modernização do país a partir de meados do Séc. XX.

Em termos teóricos, Antonio Candido, em seu ensaio "Literatura e Subdesenvolvimento" (1987) denominou de "super-regionalismo" a terceira fase da literatura regional do Pós-guerra marcada pela "consciência dilacerada" do atraso, percebendo a "obra revolucionária" de Guimarães Rosa como representante deste momento histórico². Os "ingredientes regionais" presentes em Grande Sertão Veredas são característicos do subdesenvolvimento na medida em que mostram as condições

¹ Mestrando em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

² É preciso enfatizar que a ação de Grande sertão: Veredas se situa nos inícios da República Velha, durante o processo político de consolidação nacional que se seguiu a 1889.

dramáticas de vida do sertanejo às margens do processo de modernização do país. Na fase de “consciência dilacerada”, a realidade do subdesenvolvimento assume uma dimensão trágica, reencenando, no plano literário, os efeitos do capitalismo e da modernização sobre os modos tradicionais de vida no espaço sertanejo. Temos então uma universalidade da região nas figuras dos jagunços, coronéis, comerciantes, imigrantes, vaqueiros, roceiros, tropeiros, miseráveis, velhos, prostitutas, mendigos, desarrazoados, doentes e cegos. A maioria deles desloca-se num mundo arcaico de necessidade, carência e violência. Os aspectos regionais que indicam a questão do atraso material e da debilidade institucional são, na perspectiva de Candido, uma consequência das condições econômicas e sociais.

A concepção de retrato do Brasil contida no romance segue pela via analítica de Willi Bolle que verifica o dilaceramento do país em face da divisão da população brasileira e vendo no pacto com o diabo uma alegoria dessa divisão fundada na “falta de diálogo entre as classes sociais” que estabelece a desigualdade (2004, p. 263). A questão da não-existência do diabo se resolve na medida em que a existência do mal é interpretada enquanto “problema social” (BOLLE, p. 155). Dessa forma, Bolle considera Grande Sertão: Veredas como um romance de formação do Brasil, pois além de ser um “livro-síntese dos retratos do Brasil” (2004, p. 446), consiste numa reelaboração não idealizante, mais profunda e concreta da história social do povo, tornando-se um retrato autêntico do Brasil.

Como temos na narrativa dilacerada uma perspectiva histórico-social do atraso ao lado de uma perspectiva mitológica, foi adaptada aqui a concepção de interpretação de Walter Benjamin no Trabalho das Passagens (1997), em que ele propõe dissolver a ‘mitologia’ no espaço da história com o intuito de extrair conhecimentos histórico-sociais. Trata-se, pois, de um modo de historicizar os elementos míticos presente no romance.

O DILACERAMENTO DO BRASIL ENQUANTO PROBLEMA SOCIAL DIABÓLICO

A questão da representação regional na literatura brasileira implica uma consciência histórica que evoluiu de uma narrativa regionalista de cunho idealizante para uma narrativa mais crítica da realidade local. No romance Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa nos apresenta uma maneira crítica de ver e questionar tal

realidade em uma situação de atraso revelando um retrato específico do Brasil. O escritor mineiro, livre do encanto idílico e exótico da paisagem, soube revelar os problemas humanos e sociais do sertão rústico no andar da carruagem da modernização industrial do país. Livre da euforia pitoresca, a mudança de perspectiva surgiu na medida em que “a consciência do subdesenvolvimento... evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante” (CANDIDO, 1989, p. 142).

Pode-se sustentar que o super-regionalismo de Guimarães Rosa redimensiona o retrato do Brasil subdesenvolvido pelas lembranças e vivências pessoais do narrador-protagonista nas travessias da região sertaneja. Um retrato dilacerado entre o moderno e o rústico, o doutor e o jagunço, o latifúndio e a miséria, a consciência coletiva e a consciência individual, que constitui a sociedade patriarcalista-oligárquica dominada pelo sistema jagunço (política dos coronéis, milícias particulares, massa de camponeses miseráveis e até mesmo a força pública estatal).

Nesse retrato específico do Brasil, verificamos aspectos da fase da consciência dilacerada do atraso presentes no romance. Aqui, têm-se as marcas da modernização ligadas a elementos arcaicos: o sistema jagunço e o novo sistema republicano, um saber secularizado ao lado de um saber rústico religioso, os fazendeiros, imigrantes e miseráveis, o absurdo diabólico e a violência brutal. Tudo isso constitui a sociedade camponesa dominada pelo sistema jagunço num sentido mais geral. Todos esses aspectos passam pelo questionamento sobre as crenças em torno do demoníaco e são “ingredientes regionais” de um retrato dilacerado característico da fase do subdesenvolvimento, mas que se encontravam presentes já nos inícios da República velha, herdados do passado colonial.

Vamos nos deter um pouco na análise de alguns aspectos regionais presentes no romance para vermos de perto como se constitui a situação de atraso. Em entrevista a Gunter Lorenz, Guimarães Rosa diz que “Riobaldo (...) é apenas o Brasil”, “é sertão feito homem e é meu irmão” (1995, p. 59). Se for assim, então o narrador-protagonista, através de suas experiências pessoais e lembranças coletivas, talvez possa revelar de fato o problema do dilaceramento do Brasil subdesenvolvido. Se Riobaldo for realmente uma metáfora do Brasil, o “sistema jagunço”, do qual ele faz parte, signifique a estrutura precária e contraditória constituída pela força estatal, pelos coronéis, bando de jagunços, massa de camponeses miseráveis e, alegoricamente, o

diabo no meio do redemoinho. “Tinham encomendado o auxílio amigo dos jagunços, por uma questão política, logo entendi.” (ROSA, 2001, p. 132). Percebe-se aqui que o Estado republicano, enquanto Estado democrático de direito, não se faz efetivamente presente no espaço sertanejo. Aqui e acolá, nota-se apenas “os soldados do Governo” atuando de modo canhestro contra os bandos de milícias particulares a serviço da política oligárquica dos coronéis. De modo geral, vemos no romance uma terra onde a ordem e a lei é demandada pelo estatuto privado, um mundo de “muita doideira e pouca razão”, onde civilização e barbárie não têm contornos nítidos, onde ambas estão contidas como uma coisa dentro da outra.

Por outro lado, na esteira desse sistema jagunço, atuando como espectadores das forças em colisão, surge outro aspecto: “o estatuto de misérias e enfermidades” (ROSA, 2001, p. 75) pelos vários recônditos do sertão, onde se percebe uma massa de despossuídos, dos quais os catrumanos representam, talvez, a mais simbólica tradução: “O povoado dos pretos (...) no chapadão, os legítimos coitados todos vivem é demais devagar, pasmacez. A tanta miséria. O chapadão, no igual, igual – a muita gente ele entristece” (ROSA, 2001, p. 49). Nesses aspectos regionais, aqui esboçados, a consciência dilacerada revela justamente “o atraso material e a debilidade das instituições” (CANDIDO, 1989, p. 141).

Essa situação de subdesenvolvimento pode ser articulada com a perspectiva de Willi Bolle na medida em que a situação sócio-histórica representada no romance é vista como uma continuação da história arcaica, uma história de desigualdade e desentendimento social, ratificada pela desmistificação mitológica do diabo. Nesse sentido, esses aspectos regionais redimensionam o retrato do Brasil subdesenvolvido no Grande Sertão: Veredas. Um retrato dilacerado pelas condições precárias que organizam hierarquicamente a sociedade sertaneja na base da força, da violência e da exclusão. Willi Bolle verifica que o dilaceramento do país advém da divisão da população brasileira entre a elite dominante latifundiária e a classe dos catrumanos (miseráveis) e jagunços. O suposto pacto do Riobaldo com o diabo representa uma alegoria dessa divisão fundada na “falta de diálogo entre as classes sociais” que estabelece o desentendimento e a desigualdade (BOLLE, 2004, p. 263). Partindo do sentido etimológico diabolos, entidade que separa as pessoas ou as classes sociais, Bolle argumenta que a ascensão social do protagonista (menino pobre, jagunço raso, depois chefe de bando a coronel-fazendeiro) deu-se por meio de um falso contrato

social, modelo do pacto arcaico, em que o poder conseguido por Riobaldo consistiu na usurpação violenta por meio de uma lei ilegítima:

O que significa, em síntese, o pacto com o diabo concluído por Riobaldo nas Veredas-Mortas? Em termos histórico-político-sociais, trata-se de uma cena alegórica em que a lei fundadora da sociedade é ritualisticamente reativada, novamente ratificada através do trato de um sertanejo com o 'Pai do Mal' e o 'Pai da Mentira' (...) o protagonista de Grande Sertão: Veredas... assimila... a diabólica lei fundadora, que instaurou a desigualdade e o Mal entre os homens (BOLLE, 2004, p. 171).

A questão da não-existência do diabo, portanto, se resolve na medida em que a existência do mal é interpretada enquanto "problema social" referente à dicotomia e à divisão da sociedade brasileira, um mal social que vem desde os tempos coloniais. Dito isto, pode-se dizer que o atraso material e a debilidade das instituições resultaram desse problema social diabólico herdado de uma lei fundadora ilegítima, não democrática. Dessa forma, Bolle considera Grande Sertão: Veredas como um romance de formação do Brasil, pois além de ser um "livro-síntese dos retratos do Brasil" (2004, p. 446), consiste numa reelaboração não idealizante, mais profunda e concreta da história dilacerada da nação. Em Grande Sertão: Veredas, a idéia de formação parte da periferia desconhecida do país. Ao invés de ser objeto de estudos científicos ou de discursos oficiais, os sertanejos tornam-se sujeito de sua história a partir de uma perspectiva de baixo:

No nível de composição do romance, a incorporação maciça de falas sertanejas permite montar um retrato do Brasil articulado pelo próprio povo... Guimarães Rosa trata o povo não como um objeto de estudo e de teorias, mas como sujeito capaz de inventar e narrar a sua própria história (BOLLE, 2004, p. 438).

DESMISTIFICAÇÃO MITOLÓGICA E DESMASCARAMENTO SÓCIO-HISTÓRICO

A consciência dilacerada da situação de atraso na forma de um desmascaramento sócio-histórico é levada a termo pela desmistificação mitológica do diabo como foi mostrado por Willi Bolle. É preciso enfatizar melhor tal desmistificação com base em Walter Benjamin que, no Trabalho das Passagens, propõe "dissolver a

‘mitologia’ no espaço da história” a fim de podermos extrair aspectos sócio-históricos das questões mítico-diabólicas:

Aqui deve ser encontrada a constelação do despertar (...). Aqui se trata de uma dissolução (Auflösung) da ‘mitologia’ no espaço da história. Naturalmente isto só pode acontecer por meio do despertar (Erweckung) de um saber, ainda não consciente, daquilo que já foi (Gewesnen) (BENJAMIN, 1997).

Assim, adaptando a concepção benjaminiana para a nossa análise, essa problemática pode ser verificada pelo “despertar” da consciência individual do narrador-protagonista diante de todas as suas experiências e contingências da vida regional em que existe um saber teológico dominante na mentalidade coletiva da população. Riobaldo está sempre solicitando do seu interlocutor “instruído” uma confirmação do destino de sua história pessoal e por que não também coletiva:

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que eu digo. o senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas não me diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha avalia. Já sabia, esperava por ela (ROSA, 2001, p. 26).

Aqui, percebe-se a posição do interlocutor urbano que valida o questionamento do coronel-jagunço Riobaldo. Em suas últimas palavras, à guisa de uma conclusão, parece resumir sua visão em relação ao estatuto diabólico quando diz:

Cerro. O senhor vê. Conteí tudo (...) Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia (ROSA, 2001, p. 624).

Nessas palavras, temos a impressão um tanto reticente com relação à tal afirmativa confirmadora do ex-jagunço por força do termo "se for" seguido de reticências, o que de certa forma suspende contraditoriamente tal afirmativa, deixando-

a em suspeição e, portanto, colocando-a como uma questão inconclusa e totalmente em aberto.

Mas, ao refazer de novo a leitura principalmente desse trecho, seguindo a intenção do texto, o que está posto nele, segundo a concepção de Umberto Eco, percebe-se que de certa forma nossa interpretação continua válida. Quando Riobaldo confirma e afirma sua "idéia" e logo a suspende em termos de dúvida e incerteza, na verdade, ele não invalida sua confirmação (ou sua interpretação). Lendo atentamente o "se for...", notamos que ele quer dizer é o seguinte: se realmente o diabo existe ("for" nesse trecho citado significa existir), esse diabo é o próprio "homem humano" ad infinitum. Nesse sentido, para Riobaldo a realidade do diabo é questionada na medida em que ele não existe enquanto tal, ou seja, como entidade sobrenatural ou mesmo transcendente que paira sobre o mundo cometendo mil estripulias e desgraças nas veredas do sertão e travessias dos homens como transparece na consciência coletiva ou cultural do sertão. A perspectiva de Riobaldo sugere que o diabo está no âmago do indivíduo enquanto elemento ou personalização do mal que acompanha o homem. Essa é uma tendência secular de compreender o diabo alojado no íntimo do homem, de modo que se pode interpretar como sendo o homem detendor de todos os males e maldades causadas na sua história de barbárie que, neste caso específico, ocasionou o dilaceramento do Brasil.

Ora, se o diabo na verdade é o próprio homem, o homem faz a sua própria história e é a medida de todas as coisas. Então as questões aqui colocadas parecem se esclarecer. Na fase da consciência dilacerada, a desmistificação da existência do mito diabólico, enquanto entidade sobrenatural revela o desmascaramento sócio-histórico da região sertaneja. Os aspectos regionais (o sistema jagunço, o estatuto do pauperismo e enfermidades dos "Gerais" entre outros) refletem o atraso material e social do Brasil no que diz respeito tanto às condições de vida quanto às distâncias entre classe dominante e as camadas desfavorecidas da população sertaneja.

A desmistificação mítica e o desmascaramento sócio-histórico no Grande Sertão: Veredas acontecem para que a perspectiva histórica se revele na forma de uma história dilacerada do atraso do espaço sertanejo. A condição de subdesenvolvimento é, portanto, um produto da estrutura histórico-social que persiste desde o passado colonial e atingiu dramaticamente o Brasil republicano num momento de

modernização capitalista industrial. Aliás, essa modernização, como foi sugerida aqui, se faz presente no saber laico que adentrou o sertão e se infiltrou na consciência do narrador-protagonista, através do refinamento intelectual e cosmopolita do escritor Guimarães Rosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, os aspectos regionais que indicam a questão do atraso material e da debilidade institucional são, na perspectiva de Candido, uma conseqüência das condições econômicas e sociais num momento de “interdependência cultural” em que o Brasil estava passando por um processo de modernização capitalista; por outro lado, as interpretações de Willi Bolle complementam a concepção de tal subdesenvolvimento na medida em que demonstram a continuação de uma história arcaica do Brasil herdada do passado colonial através de velhas práticas políticas e sócio-econômicas que causam o atraso material e social do país percebendo no romance um retrato alegórico mais coerente da formação do Brasil. Nesse sentido, o sertão brasileiro enquanto o panorama do subdesenvolvimento foi retratado por Guimarães Rosa como um lugar da desigualdade e da injustiça “voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma conseqüência da espoliação econômica” (CANDIDO, 1987, P.160)

Na medida em que Riobaldo reflete sobre suas experiências à luz dos elementos diabólicos que perpassam toda a narrativa, a situação de atraso do sertão pode ser entendida como um desencadeamento das relações e práticas sócio-históricas e econômicas. Esse desencadeamento definiu o retrato do Brasil e por isso foi responsável por essa situação de atraso constituindo-se como um mal social que se desenvolveu no passado colonial e se presentificou no decorrer do processo de modernização. Podemos dizer, então, que ao lado de um surto de desenvolvimentismo a partir dos anos 1950, temos um Brasil ainda com estruturas herdadas do passado colonial configurando-se assim o dilaceramento da própria nação.

REFERÊNCIAS

BOLLE, Willi. **Grande sertão.br: O romance de formação do Brasil**. – São Paulo: Duas Cidades, 2004. (Coleção Espírito Crítico)

BENJAMIN, Walter. **O Trabalho das Passagens**. Tradução de Sônia Campaner Miguel Ferrari Publicado em Cadernos de Filosofia Alemã, pp. 69-77, 1997. Disponível em: http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/Frankfurt/benjamin/benjamin_03.htm. Acesso em: 13 out. 2008, 15:00:00.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Subdesenvolvimento**. In: A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987.

CEVASCO, Maria Elisa. **Estudos Culturais no Brasil**. In: Dez Lições sobre Estudos Culturais. São Paulo: Boitempo, 2003, pp.173-188.

LORENZ, Gunter W; **ROSA**, João Guimarães. **Literatura deve ser vida - um diálogo de GWL e JGR (Gênova, janeiro de 1965)**. In: Exposição do novo livro alemão no Brasil, 1971.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. - 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624p.

SCHILLING, Voltaire. **As razões do atraso e do subdesenvolvimento**. São Paulo: Terra Networks Brasil S.A, 2008. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/capa.htm>. Acesso em: 01 jul. 2003.